

Chamamento aos artistas plásticos latino-americanos

1972

“Para nós, a pátria é a América.” **Simón Bolívar (1814)¹**

“Não há letras, que são expressão, enquanto não houver essência a se expressar nelas. Tampouco haverá literatura hispano-americana enquanto não houver — Hispano-América.”
José Martí (1881)²

1

Se, há mais de noventa anos, quando teve início a expansão do imperialismo ianque, José Martí³ (1853-1895) podia assinalar a precariedade da arte latino-americana, porque a rigor não havia ainda como entidade histórica suficiente aquilo que ele mesmo chamou de “nossa América”, acontecimentos posteriores e especialmente alguns muito próximos na década de 1960 consolidam na América Latina os ideais de afirmação continental nacional, em um contexto planetário marcado pelo auge do socialismo, pelo crescimento do processo de descolonização e pela Guerra do Vietnã: a Revolução Cubana, o aumento da luta de massas, o surgimento das guerrilhas urbana e rural, a insurgência de movimentos estudantis, a incorporação de cristãos de esquerda à luta revolucionária, o viés nacionalista de governos como o que se estabeleceu no Peru em fins de 1968, o aumento da luta pela reivindicação no Panamá da soberania do Canal, o triunfo, em 1970, da Unidade Popular no Chile são apenas alguns dos marcos do processo latino-americano desses anos. Esses fatores influenciam a produção cultural, matizando não somente os temas, mas também, e sobretudo, as relações entre o artista e seu público, voltando a acender dramaticamente as discussões sobre a função da arte.

2

Todo artista latino-americano que tenha consciência revolucionária deve contribuir para o resgate e a formação de nossos valores a fim de configurar uma arte que seja patrimônio do povo e expressão genuína da nossa América. A arte revolucionária é aquela que enseja a superação das limitações esteticistas e elitistas, opondo-se ao imperialismo e aos valores da burguesia dominante. A revolução libera a arte dos mecanismos ferrenhos de oferta e demanda que imperam na sociedade burguesa. A arte revolucionária não propõe nenhum modelo nem se refere a nenhum estilo determinado, mas acarreta — como disse Karl Marx (1818-1883) — o caráter tendencioso que a arte criadora tem, na medida em que afirma e define a personalidade de um povo e de uma cultura.

3

A consciência revolucionária é requisito fundamental da luta contra o imperialismo e pelo socialismo que liberta nossos povos. Como artistas, assumir essa consciência de forma ativa e eficaz, identificados com a militância política revolucionária, é tarefa prioritária no momento. O artista latino-americano não pode se declarar neutro nem separar de maneira abstrata sua condição de artista de seus deveres como homem. A consciência revolucionária parte, no artista, do reconhecimento de sua condição de alienado e mutilado, ele também, no exercício de sua atividade criativa, e que a superação dessa situação só pode ocorrer inserindo-se de maneira ativa e eficaz na luta revolucionária, reconhecendo-a como sua própria luta e libertando-a com suas armas no interior desse processo. É por isso que a atitude militante é essencial para o artista latino-americano e tem tanta importância quanto sua obra. Essas duas coisas devem se identificar. Tal atitude se define pelo exercício permanente da capacidade de encontrar, imaginar, inventar as mediações necessárias que lhe permitam se comunicar realmente com seu povo. Essa possibilidade se abre quando as massas começam a viver a luta revolucionária como fato fundamental de seu cotidiano. Ela também se define por sua capacidade de resistência e de luta contra todas as formas de penetração imperialista. Assim, é seu dever denunciar, resistir e desmantelar todas as manifestações de opressão cultural por parte do imperialismo, levando em conta as peculiaridades específicas da luta em cada país, seja por meio de protestos, abstenções, boicotes ou qualquer outra tática adequada, inclusive a resposta violenta à violência colonizadora do sistema. A revolução é um processo que começa muito antes da tomada do poder e se projeta muito além dela. Em sua inserção na luta, o artista não apenas contribui para que tal tomada de poder se efetive, como também se capacita como revolucionário para colocar em funcionamento, com posterioridade a ela, um autêntico programa cultural revolucionário que leve à formação de um novo homem.

4

Constatamos e denunciamos:

- A A penetração ideológica imperialista na América Latina, onde a cultura é empregada como uma arma alienante.
- B A situação de dependência artística dos centros internacionais que propagam a ideologia burguesa.
- C A instrumentalização que as burguesias locais fazem da arte, transformando-a em mais um meio de opressão do povo.
- D A pretendida neutralidade da arte.
- E A dependência do artista dos mecanismos ferrenhos de oferta e de demanda, das modas impostas e do esteticismo que emana delas.
- F As pretendidas “revoluções” estéticas que se apresentam como sucedâneas da revolução social.
- G A manipulação de organismos ditos culturais, em benefício da ideologia burguesa.
- H O respaldo cultural que certos artistas outorgam a governos que sustentam o sistema capitalista.
- I A competência individualista a que o artista é submetido em busca de seu triunfo pessoal.
- J A utilização da arte como camuflagem da liberdade para ocultar a exploração e a repressão do povo.

5

Expressamos nossa plena solidariedade aos artistas do mundo todo que também lutam pela criação de uma nova sociedade.

O vínculo prático dos artistas latino-americanos com as lutas populares dá novo sentido à criação artística em nosso Continente e contribui, assim, para o advento daqueles que, como anunciou Che Guevara (1928-1967), “entoem o canto do novo homem, com a autêntica voz do povo”.

Encontro de Artes Plásticas Latino-Americanas
Casa das Américas
Havana, 27 de maio de 1972

– Chamamos os artistas plásticos latino-americanos a assinar este texto, que assume o caráter de um compromisso, devendo-se respeitar as normas de conduta por ele explicitadas.

– Que seja divulgado.

– Que seja afixado em todas as exposições de artistas latino-americanos.

Mariano, Rojas Mix, Carpani, L. Vent Dumois, Le Parc, Adelaida de Juan, Esmeraldo, Balmes, Granada, Carmelo, Fowler, “Mono” González, Garreau, Carlos Maldonado, Sergio, Rostgaard, Gallardo, L’Abbé, Fayad, Nuez, Orozco Rivera, Rodríguez Porcell, Carol, López Oliva, Tilsa Tsuchiya, Bracamonte, Martínez Pedro, Puig, Adigio, Beltrán, Darnet, Régulo, Azcuy, Blanco.

Este manifesto foi publicado após uma reunião sobre arte figurativa latino-americana realizada na Casa das Américas, em Havana, em 27 de maio de 1972, quando foi assinado por 34 artistas e críticos de arte. Assumiu a forma de um cartaz destinado a ser colocado em toda exposição de arte latino-americana no continente.

FONTE: Arquivo Graciela Carnevale. Traduzido do espanhol por Daniel Lühmann.

1 [Para nosotros, la patria es la América.]

hispanoamericana hasta que no haya — Hispanoamérica.]

decisivo na independência de Cuba em relação à Espanha.
[N. do E.]

2 [No hay letras, que son expresión, hasta que no hay esencia que expresar en ellas. Ni habrá literatura

3 José Martí foi um político e intelectual, criador do Partido Revolucionário Cubano (PRC), que teve um papel